

Malharias

Luiz Lauro Romero
Jayme Otacpilio W. M. Vieira
Luiz Alberto R. de Medeiros
Renato Francisco Martins

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

MALHARIAS

Luiz Lauro Romero
Jayme Otacilio W. M. Vieira
Luiz Alberto R. de Medeiros
Renato Francisco Martins*

** Respectivamente, gerente, analista de sistemas, engenheiro e contador da Gerência Setorial de Bens de Consumo Não-Duráveis do BNDES.*

TÊXTEL

11111

A malha, devido às suas características de construção, difere muito do tecido plano. Na tecelagem plana, o tecido é composto por um conjunto de fios dispostos lado a lado no sentido longitudinal, chamado de *urdume*, e por fios inseridos no sentido transversal, que compõem a trama. Este tipo de construção proporciona ao tecido uma certa rigidez, tanto no sentido transversal quanto no longitudinal. Já no tecido de malha utiliza-se um único conjunto de fios que se ligam através de laçadas, o que confere ao produto final características de flexibilidade e elasticidade que não podem ser obtidas no tecido plano.

Apesar desses aspectos favoráveis, o tecido de malha não se presta a todas as aplicações em vestuário, devido à sua maior tendência a deformações e desgaste superficial, além do toque e caimento peculiares, não adequados a qualquer tipo de roupa.

O fio empregado na produção de malhas é basicamente o mesmo da tecelagem plana, diferindo apenas por exigir um menor grau de torção. O processo de fabricação do tecido de malha é, entretanto, bem mais simples e rápido, pois, além de não exigir procedimentos de preparação prévia do fio, como o urdimento e a engomagem (que demandam equipamentos grandes, adequados apenas para elevados volumes de produção), a produtividade dos equipamentos de malharia é muito maior. Um tear circular moderno produz de 450 a 500 kg de tecidos de malha por dia, ao passo que um avançado tear a jato de ar, utilizando fio de mesma titulação (espessura), produz cerca de 100 kg de tecidos planos em idêntico período.

Dentre as diversas classificações aplicáveis aos tecidos de malhas, uma das mais abrangentes refere-se ao sistema de formação da malha, que compreende as denominadas malharias por urdume e por trama (embora o processo de fabricação de malhas seja completamente diferente do de tecidos planos, de onde se originam esses termos). Identificam-se assim diferentes tipos de tecidos e os equipamentos mais adequados para produzi-los.

Os equipamentos para a produção de malharia por trama são os teares circulares e os teares retillneos.

As mais comuns das máquinas de malharia são os teares circulares, caracterizando-se por possuírem um grande número de

Aspectos Técnicos

Características Gerais

Malharia por Trama

Teares Circulares

alimentadores dispostos em círculos, produzindo um tecido tubular contínuo. São máquinas de altíssimo rendimento, capazes de produzir tecidos com as mais diferentes características. O grupo de máquinas circulares é formado pelas de grande diâmetro, que incluem as monocilíndricas, voltadas para a produção de jérseis ou meia-malha, as circulares de dupla face, próprias para a produção de malhas duplas, e as circulares de duplo cilindro, voltadas para a produção de malhas de "fantasia". Além destas, existem máquinas de pequeno diâmetro próprias para a produção de meias masculinas e femininas, sejam elas lisas, rendadas ou jacquard (com desenhos na constituição do tecido).

Teares Retilíneos

As máquinas retilíneas são equipamentos semelhantes às antigas máquinas manuais de uso doméstico, todavia muito mais avançadas tecnologicamente, geralmente automáticas e capazes de produzir tecidos de alta qualidade. Este tipo de equipamento é utilizado para a fabricação de golas e punhos para camisas de malha do tipo "pólo" e tecidos com desenhos próprios para a produção de blusas e blusões. Sua maior utilização se dá na produção de malhas pesadas, principalmente de fios de lã e acrílico.

Os modelos mais modernos de teares retilíneos apresentam elevado grau de automação, incluindo programação e controle computadorizados. Essas máquinas já são utilizadas no Brasil, que tem um parque produtor de malharia relativamente atualizado em termos tecnológicos.

Malharia por Urdume

Na malharia por urdume encontramos basicamente dois tipos de máquinas: as Kettenstul e as Raschel, que, nos modelos mais atualizados, possuem elevada capacidade de produção, mesmo operando com artigos sofisticados e de alta qualidade, e vêm experimentando contínuos aperfeiçoamentos, especialmente após a introdução dos fios sintéticos.

As máquinas do tipo Kettenstul são mais apropriadas na produção de tecidos basicamente lisos para roupas íntimas, tecidos elásticos, forros, veludos para estofamento e tecidos para toalhas de mesa.

As máquinas do tipo Raschel são voltadas para a produção de tecidos lisos e rendados destinados à produção de toalhas de renda, tecidos para *lingerie*, cortinas, tecidos elásticos e outros, possuindo também uma grande variedade de modelos que podem produzir rendas simples ou bastante sofisticadas, as quais as máquinas Kettenstul não conseguem fabricar.

O número de empresas fabricantes de teares Raschel e Kettenstuhl é muito reduzido, sendo a Karl Mayer, da Alemanha, a empresa que domina o mercado no mundo. A produção mundial é da ordem de 200 máquinas/mês, distribuída entre 140 tipos diferentes. Neste segmento encontramos mais dois tipos de máquinas, a Kohler e a Malimo, que, todavia, são pouco difundidas no mercado.

Devido à maior facilidade de fabricação, à menor necessidade de investimentos e aos menores custos de produção, os tecidos de malha (especialmente os produzidos em teares circulares e retilíneos) vêm obtendo crescente aceitação no mundo, tendo sua produção se deslocado dos países de maior renda e maior nível salarial para aqueles em desenvolvimento. Atualmente, poucas regiões conseguem ter competitividade semelhante à de alguns países asiáticos na produção de *t-shirts* e confecções de malhas leves de algodão. Para exemplificar: uma camisa branca básica de algodão importada da China chega ao consumidor em qualquer parte do mundo por cerca de US\$ 1,00, enquanto as melhores empresas brasileiras não conseguem colocar no mercado interno por menos de US\$ 1,30 (preço de fábrica sem ICMS).

Tecidos e confecções mais elaborados como artigos de lã e acrílico, *lingerie* e confecções sofisticadas são ainda produzidos em países desenvolvidos, que atuam no setor têxtil preferencialmente em nichos de moda.

O segmento de malharia no Brasil cresceu substancialmente nas últimas duas décadas. Segundo o Sinditêxtil/Abit, na década de 70 este crescimento ficou entre 10% e 20% ao ano, enquanto na década de 80 a taxa média anual situou-se em torno dos 5%, com significativas flutuações durante o período.

Nos últimos anos, o mercado doméstico total de tecidos esteve muito fraco, observando-se que o crescimento percentual experimentado pelo segmento de malhas foi compensado por uma redução no segmento de tecidos planos. Esta transferência de demanda deriva principalmente do menor preço médio dos tecidos de malha.

A Tabela 1 mostra a evolução da produção de peças de vestuário no Brasil no período 1992-1994, podendo-se verificar que no biênio 1992-1993 houve estagnação no mercado de vestuário em geral, com uma queda de 9,64% no consumo de peças de tecidos planos, diante de um acréscimo de 5,53% no de peças de malha. Em 1994, com a retomada da atividade econômica e a melhor distribuição de renda causada pelo Plano Real, houve aumento de 22,13% na produção de peças de vestuário, destacando-se que o número de

Aspectos de Mercado

Situação no Mundo

Mercado Brasileiro

Tabela II

Vestuário: Evolução da Produção Física no Brasil - 1992/1994
(Em Milhares de Peças)

SEGMENTO	1992	1993	1994 ^a	1993/92 (%)	1994/93 (%)
Tecido Plano	1.283.485	1.159.758	1.376.535	-9,64	18,69
Malha	1.765.262	1.867.374	2.320.433	5,53	24,26
Total	3.048.747	3.027.131	3.696.968	-0,86	22,13

Fonte: Abravest/Iemi.

^a Projeção com base no observada até 15 de dezembro.

artigos de malha produzidos cresceu 24,26%, enquanto o de peças feitas em tecido plano cresceu 18,69%.

Segundo o Instituto de Estudos e *Marketing* Industrial (Iemi), o parque produtor de tecidos de malha no Brasil era composto em 1992 por 2.337 empresas (não incluindo as informais), na maioria pequenas e médias, empregando diretamente cerca de 49.500 pessoas. Estes números provavelmente não tiveram muitas variações nos períodos seguintes.

Para uma produção total de tecidos de cerca de 1,1 milhão de t em 1992, a produção nacional de malhas foi da ordem de 390 mil t/ano, destinada principalmente para a confecção de artigos de vestuário. Naquele ano, o valor dessa produção alcançou o montante de US\$ 5,8 bilhões.

O nível de integração da indústria de malhas é bastante elevado, alcançando 71% das empresas. A grande maioria (58%) é integrada para a frente com a confecção, ou seja, produzem os tecidos e as roupas. Apenas as grandes empresas que produzem confecções de malha de algodão são totalmente verticalizadas, com a produção abrangendo todas as etapas da produção, desde a fiação até a confecção.

Brasil: Importações x Exportações

Na Tabela 2 vemos o comportamento das exportações de roupas de malha em relação às exportações totais brasileiras de manufaturado de têxteis no período 1991/1993, podendo-se observar que estas últimas estão praticamente estagnadas desde 1991, enquanto as primeiras têm aumentado, o que indica maior atualização tecnológica e, em consequência, maior competitividade do parque produtor de malhas em relação ao parque têxtil brasileiro, dado que na fabricação de malhas são usados equipamentos mais simples e de menor custo. Cabe destacar ainda que tem havido um enobrecimento das exportações brasileiras de malhas, uma vez que os principais grupos exportadores estão procurando fugir da concorrência de países asiáticos (China, principalmente) nos produtos de baixo custo.

Na Tabela 3 vemos as importações de confecções de malha no mesmo período, as quais representam ainda valores pe-

Tabela 2**Exportações Brasileiras de Malhas – 1991/93**

(Em US\$ Mil)

	1991	1992	1993
a) Roupas de Malha	166.461	211.329	220.850
b) Manufaturados Têxteis	1.358.970	1.428.516	1.346.765
a/b (%)	12,2	14,7	16,3

Fonte: *Sinditêxtil/Abit.***Tabela 3****Importações Brasileiras de Malha – 1993/1993**

(Em US\$ Mil)

	1991	1992	1993
a) Roupas de Malha	15.017	8.682	11.110
b) Manufaturados Têxteis	332.697	263.541	438.972
a/b (%)	4,5	3,2	2,5

Fonte: *Sinditêxtil/Abit.*

quenos tanto em termos absolutos quanto percentuais (com tendência decrescente), indicando competitividade da indústria pelo menos no mercado interno. Esta situação pode se modificar, segundo empresários do setor, pois, com a diminuição das alíquotas de importação e a defasagem cambial observadas a partir de julho de 1994, verifica-se uma diminuição das exportações e um aumento das importações de artigos têxteis em geral.

Durante os anos 70, vários pequenos fabricantes, atraídos pelo crescimento da demanda por artigos de vestuário informais e o esportivos e devido aos baixos volumes de investimentos necessários, começaram a produzir malhas no país.

A crescente evolução da demanda estimulou o crescimento destas empresas e o surgimento de outras, fundadas por ex-empregados das organizações originais e por pequenos empresários que, a partir da compra de um pequeno tear circular, ficaram em condições de oferecer malhas ao mercado ou de montar pequenas confecções de artigos de malha.

Isso fez com que o padrão de concorrência no segmento de malhas passasse a ser a competição por preços, ficando o fator qualidade muitas vezes relegado a segundo plano.

O parque produtor de malhas no Brasil pode ser dividido, grosso modo, em três tipos de empresas: a) um pequeno número de

Padrão de Concorrência

Estrutura da Indústria

grandes organizações, como, por exemplo, Hering, Marisol, Malwee e Sulfabril, que se destacam na produção de malhas de algodão e podem ser consideradas como de grande porte, pois produzem mais de 400 t/mês, faturaram nos três últimos exercícios, em média, mais de US\$ 80 milhões lano, são totalmente integradas, fabricando desde a fiação até a confecção, e têm como principais produtos as camisas e camisetas de meia-malha de algodão; b) em segundo plano contam-se inúmeras empresas de porte médio, cuja produção situa-se entre 100 e 350 t/mês, têm faturamento entre US\$ 10 e US\$ 70 milhões lano, são em geral de origem familiar, não totalmente integradas (em geral não têm fiação, algumas fabricam apenas os tecidos e outras só confeccionam), produzem artigos de boa qualidade e procuram ofertar produtos um pouco mais sofisticados, para conseguir uma diferenciação de marca, ou encontrar nichos de demanda onde têm mais competitividade (algumas destas empresas são: Alcatex, TDB, Rosset, Marles, Internacional, Velonorte, Pette-nati, Cristina, Iracema, Dalas, Dalcelis, Maju, Diana, Master, Magnatex, Guararapes, Jangadeiros, dentre outras); e c) num terceiro plano figuram inúmeras empresas de pequeno porte, muitas delas totalmente informais, que se dedicam em todo o país à produção de tecidos e/ou confecções de malha sem grande preocupação com a qualidade.

A participação percentual dos quatro principais grupos em relação à produção total de confecções de algodão em malha circular é apresentada na Tabela 4, onde se pode observar que a oferta é bastante pulverizada, sendo os quatro principais fabricantes responsáveis por cerca de 19% da produção total de artigos de malha de algodão (ou mistos com predominância do algodão) produzidos em teares circulares.

Tabela 4
Participação das Principais Malharias Nacionais na Produção

EMPRESA	PARTICIPAÇÃO (%)
Grupo Hering	9,8
Sulfabril	4,0
Malwee	3,2
Marisol	2,1
Outros ^a	80,9
Total	100,0

Fonte: *Sinditêxtil/Abit.*

^a *Mais de duas mil empresas.*

Demanda

Segundo o lemi, cerca de 58% das malharias no Brasil possuem confecções próprias que absorvem a totalidade ou grande parte de sua produção. Conforme mostrado na Tabela 5, em 1992

Tabela 6

Destino da Produção de Tecidos de Malhas no Brasil - 1989/92
(Em t)

	1989	1990	1991	1992	% 1992
Confecção Própria	259.828	246.899	237.802	294.557	65,3
Beneficiamento	3.951	3.758	3.731	4.300	1,1
Atacado	28.942	31.021	32.672	32.976	8,5
Varejo	13.993	14.683	14.193	14.701	3,8
Confecção	48.362	49.048	44.573	65.580	16,9
Outros	16.891	16.962	17.049	15.632	4,0
Exportação	928	2.078	1.326	1.850	0,4
Total	377.338	368.883	355.317	389.636	100,0

Fonte: IEMI.

aproximadamente 65,3% da produção de malhas foram absorvidos diretamente por confecções próprias e 16,9% por confecções de terceiros, totalizando um percentual de 82,2% do total fabricado. A segunda maior destinação (8,5%) é o atacado, que provavelmente revende tecidos de malha para pequenas confecções, o que aumenta ainda mais a parcela da produção a elas destinada.

É através das pequenas confecções, geralmente localizadas junto às fontes de matérias-primas, fato que origina o surgimento de pólos de malharia e de confecção de artigos de malha, que circula parte da produção das malhas leves, produzidas principalmente pelos teares circulares. Nestes locais existe normalmente um comércio muito forte atraindo compradores de regiões distantes.

No setor de malharia por urdume, onde o tecido é destinado principalmente à confecção de roupas íntimas e de praia, há a necessidade de investimentos muito maiores na tecelagem. Em consequência, é pequena a quantidade de malharias que só produzem tecidos, embora seja grande o número de confecções de *lingerie* e linha de praia, que adquirem os tecidos dos grandes fabricantes.

A Tabela 6 mostra a produção brasileira de malhas segundo as regiões, destacando a produção, por estado, das maiores regiões produtoras.

Principais Regiões Produtoras

Como se observa, grande parte da produção de malhas está concentrada em dois estados: São Paulo e Santa Catarina. São Paulo reúne mais da metade das empresas e produz cerca de 41% do total. A produção por empresa é relativamente baixa, em torno de 100 mil kg/ano, enquanto a média brasileira é de 150 mil kg, indicando que grande parte das malharias paulistas é de pequeno porte. A produção por empregado (6.700 kg) situa-se pouco abaixo da média

brasileira (7.080 kg). Por outro lado, as empresas catarinenses representam apenas 5% da quantidade das malharias, mas produzem 32% do total. A média de produção por empresa é de aproximadamente 900 mil kg/ano, a maior do país, constatando-se que a maior parte das grandes indústrias de malhas do Brasil está situada no estado. A produção média por empregado (15.900 kg/ano) está acima do dobro da média brasileira.

Tabela 6
Produção Brasileira de Malhas, por Região - 1992

REGIÃO	EMPRESAS	PRODUÇÃO (kg)	EMPREGOS	EMPRESAS (%)	PRODUÇÃO (%)	PRODUÇÃO/EMPRESAS	PRODUÇÃO/EMPREGADOS
Norte	13	1.433.658	234	0,47	0,37	110.281	6.127
Nordeste	41	5.834.084	1.271	2,56	1,50	142.295	4.590
Sudeste	1.838	220.233.552	33.084	66,76	56,52	119.822	6.657
Espírito Santo	8	1.184.344	224	0,45	0,30	148.043	5.287
Minas Gerais	258	45.082.759	8.507	17,17	11,57	174.739	5.299
Rio de Janeiro	132	17.219.929	2.770	5,59	4,42	130.454	6.217
São Paulo	1.440	156.746.520	21.583	43,55	40,23	108.852	7.262
Sul	436	161.368.247	14.824	29,92	41,41	370.111	10.886
Paraná	76	11.124.698	2.649	5,35	2,86	146.378	4.200
Rio Grande do Sul	237	22.313.079	5.193	10,48	5,73	94.148	4.297
Santa Catarina	123	127.930.470	6.982	14,09	32,83	1.040.085	18.323
Centro-Oeste	9	766.289	144	0,29	0,20	85.143	5.321
Total	2.337	389.635.830	49.557	100,00	100,00	166.725	7.862

Fonte: Iemi.

Outros estados com importância no setor são Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Nos demais, ainda encontramos algumas unidades produtivas, mas de pouca relevância a nível nacional. O Nordeste, que tem um importante parque produtor de fios de algodão (156 empresas, ou 15,5% do total das fiações do Brasil, responsáveis por 21% da produção brasileira de fios) e alguns pólos de confecção como Fortaleza e Santa Cruz do Capiberibe, não se destaca na produção de tecidos de malha, ofertando apenas 1,5% do total nacional. Esta situação tende a mudar, pois existem alguns projetos importantes de malharias recém-implantadas ou em fase de implantação na região (Jangadeiros, Baquit, Elizabeth Nordeste), devendo ser elevada em muito a oferta nordestina em 1995.

Pólos de Malharia

As empresas produtoras de malha normalmente se concentram em determinadas regiões, formando pólos de produção, onde são criadas externalidades próprias ao desenvolvimento de uma determinada atividade econômica, e que não exijam grandes investimentos para implantação de indústrias.

A localização em pólos de produção é propícia, por exemplo, à implantação de malharias de pequeno porte. As quais, em geral, não possuem a fase de acabamento do tecido. No entanto, nestes pólos foi criada, pela quantidade de pequenas tecelagens de malha, uma massacrítica que abriu espaço à instalação de empresas de acabamento. Desenvolve-se também uma outra indústria, a de confecções, que se utiliza das malhas como matéria-prima básica, fechando-se assim o ciclo produtivo com a criação de economias de escala resultantes da complementaridade de produção das diversas empresas da região. Os principais pólos produtores de malhas no Brasil são os seguintes:

Pólo Vale do Itajaí – O Vale do Itajaí, em Santa Catarina, é o maior e mais importante pólo de malharia do Brasil, pois nele se concentram as maiores empresas do setor. Seu artigo básico são as malhas leves, predominantemente de algodão, fabricadas em máquinas circulares e cuja produção é estimada em 55% do total nacional. Cerca de 90% das exportações brasileiras de malha partem do Vale do Itajaí, o que representou, em 1993, cerca de 18 mil t, o equivalente a US\$ 149 milhões. Segundo estimativas do Sindicato da Indústria Têxtil de Blumenau, devem existir 1.764 teares instalados nas malharias da região, que abrange principalmente as cidades de Blumenau, Gaspar, Timbó, Jaraguá do Sul, Pomerode, Indaial e Brusque. Note-se que a região é também importante produtora de outros tipos de têxteis, como felpudos e roupas de cama e mesa.

Pólos Produtores de Malha em Máquinas Retilíneas – Os produtos destas regiões – típicos de inverno – são malhas pesadas produzidas basicamente em acrílico, acrílico/lã ou lã pura, como: blusdes, blusas, coletes e casacos. Não existem empresas grandes neste ramo da malharia. A concorrência ocorre basicamente pela diferenciação do produto, através de máquinas modernas, que possibilitam a execução de desenhos complexos nas peças, a elaboração de coleções desenhadas por estilistas competentes e a utilização de matérias-primas nobres. Uma das principais características destes pólos é a sazonalidade das vendas e da produção, dado que o consumo ocorre exclusivamente nas épocas de clima frio. Outra peculiaridade é a utilização de fios tintos de títulos grossos, produzindo peças semi-acabadas que serão encaminhadas diretamente à confecção. As empresas raramente efetuam vendas de tecidos ou peças semi-acabadas a terceiros, produzindo, em geral, para suas próprias confecções.

Os principais pólos são as regiões de Caxias do Sul (RS), Campos do Jordão (SP) e Monte Sião (MG). O de Caxias do Sul é o maior e mais importante pólo de malhas produzidas a partir dos teares retilíneos do Brasil, abrangendo praticamente toda a região serrana do Rio Grande do Sul. Segundo informações do sindicato das indústrias da região, lá existem entre 350 e 400 empresas, produzindo cerca de 8.500.000 peças/ano, gerando aproximadamente sete mil empregos diretos.

Outros pólos menores, dedicados basicamente à confecção de artigos de malha, podem ser apontados, como Santa Cruz do Capiberibe (PE), Juiz de Fora e Divinópolis (MG) e Petrópolis e Rio de Janeiro (RJ), pois tem alguma importância a nível da economia regional.

Outros Segmentos do Setor de Malharias

Além dos artigos de vestuário em meia-malha e malha dupla fabricados com fios de algodão e mistos, é grande a produção de outros tipos de confecções de tecidos de malha, tais como lingerie, artigos de praia e meias.

Lingerie

Os tecidos para a confecção de artigos de *lingerie* utilizam basicamente fios sintéticos de poliamida (náilon) puros ou em mistura com poliéster e elastano (*lycra*).

O consumo pode ser considerado baixo no país, onde o mercado de lingerie nos últimos anos é estimado pelos principais produtores como algo entre 360 e 400 milhões de peças/ano, tendo sido muito grande a capacidade ociosa das empresas no período. A produção é bastante pulverizada, sendo o maior pólo produtor o Rio de Janeiro, onde estão instaladas as maiores empresas.

Além dos grandes fabricantes, destaca-se o pólo produtor localizado na cidade de Nova Friburgo, que concentra um grande número de pequenas e microempresas dedicadas à confecção de roupas íntimas.

A oferta destes produtos é bastante pulverizada. estimando-se em mais de mil o número de empresas fabricantes, que em geral são de pequeno porte, informais e com produção artesanal e muito pequena.

A demanda por lingerie, que vem crescendo após a implantação do Plano Real, deverá ser, em 1995, bem superior à de 1994. Entretanto, não se prevêem problemas de oferta, já que é considerável a capacidade ociosa na fabricação de tecidos. No setor de confecção há muitas possibilidades de aumentar o nível de terciarização da produção ou de abertura de novas pequenas empresas.

O mercado de lingerie pode ser dividido em dois tipos de demanda: aquela que privilegia preços (grande maioria) e aquela que privilegia qualidade e moda, suprida pelas grandes empresas, que possuem estruturas próprias de acompanhamento das tendências mundiais de designe estilo.

Cabe observar que, com a diminuição das tarifas, a indústria brasileira de lingerie está enfrentando a concorrência dos tecidos coreanos importados e das confecções chinesas nos segmentos

mais populares, bem como dos confeccionados de alto preço e sofisticação produzidos na Itália e na França, países que ditam a tendência da moda mundial no segmento.

Os artigos de praia são produzidos geralmente com tecidos fabricados em teares *Kettenstuhll*, com a utilização basicamente de fios de poliamida (náilon) e elastano (*lycra*). Seu mercado no Brasil é estimado pelas empresas produtoras como algo em torno de 150 milhes de peças/ano. A produção está concentrada na região Sudeste, especialmente nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que representam mais de 80% do volume total, vindo em seguida Santa Catarina e Ceará, que somam 9,5% da produção nacional.

A demanda é sazonal, aumentando muito nos períodos mais quentes do ano. O designe as cores têm muita importância na diferenciação do produto, cabendo observar que o Brasil tem se destacado como lançador mundial de moda/praias, que é produzida por confecções de pequeno porte sediadas principalmente no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Fortaleza. A Tabela 7 mostra a produção física de artigos de praia no Brasil, por região geográfica.

Tabela 7
Produção Brasileira de Artigos de Praia - 1989/92
(Em Mil Unidades)

REGIÕES	1989	1990	1991	1992
Norte	—	—	170	202
Nordeste	7.237	7.125	6.141	6.579
Sudeste	145.282	129.491	112.466	133.768
Sul	10.287	10.134	10.163	12.095
Centro-Oeste	401	753	680	778
Total	163.207	147.503	129.620	153.422

Fonte: *Iemi*.

As meias podem ser produzidas com fios de algodão (esporte, masculinas e femininas), de helanca ou náilon texturizado (masculinas) ou de náilon (femininas).

O mercado nacional em 1993 foi estimado em cerca de 40 milhões de dúzias de meias soquetes, o que representa cerca de quatro pares por habitante, e 15 milhões de dúzias de meias-calças, com um consumo per capita de dois pares/ano. O consumo é muito baixo, principalmente se comparado ao da Europa, dos Estados Unidos e do Japão, que alcançam 22 pares de meias colantes e 10 a 15 pares de meias soquetes por habitante/ano.

As meias soquetes, atualmente consideradas um acessório de moda, são bastante trabalhadas em diversas cores e desenhos, o que obriga as melhores indústrias do setor a investir em

Artigos de Praia

Meias

máquinas modernas com comandos eletrônicos capazes de produzir artigos sofisticados a um custo razoável e com a agilidade necessária para acompanhar as tendências da moda.

Tais equipamentos são máquinas circulares de pequeno diâmetro que produzem os artigos praticamente prontos, faltando apenas a costura na ponta da meia. Infelizmente, não existem produtores nacionais de máquinas, sendo os italianos os maiores e mais tradicionais fabricantes a nível mundial (máquinas eletrônicas), embora mereça destaque a recente oferta de máquinas por parte de empresas coreanas, ainda um pouco inferiores às italianas em sofisticação, mas um pouco mais baratas (semi-eletrônicas) e com nível de produção semelhante. Outros países, como os Estados Unidos e a Espanha, são também produtores de equipamentos.

Existem poucas barreiras à entrada no segmento produtor de meias, pois o volume de recursos necessários à instalação de uma pequena unidade produtiva é relativamente reduzido. O preço médio de uma máquina automática para a produção de meias de algodão ou helançade boa qualidade é da ordem de US\$ 50 mil, com capacidade de produção de até 2.500 dúzias/mês, existindo máquinas inferiores a preços menores.

O Brasil possui cerca de 140 fábricas de meias cadastradas, das quais 105 estão localizadas no Estado de São Paulo, que é o maior pólo produtor, concentrando 80% da produção total. O segundo lugar é ocupado por Minas Gerais (pólo de Juiz de Fora), com 13,5%. Entretanto, o número de empresas informais no setor deve ser bem maior que o de empresas cadastradas.

Cabe destacar ainda que a indústria nacional vem sofrendo ultimamente a concorrência da indústria asiática (Taiwan, China), principalmente no segmento de meias soquetes de algodão, que podem ser importadas ao preço médio de US\$ 2,00 o par, enquanto o preço das meias nacionais de mesma qualidade oscila entre US\$ 4,00 e US\$ 5,00 para o consumidor final no mercado interno.

A produção física de meias, por região geográfica, é mostrada na Tabela 8.

Tabela 8
Produção Nacional de Meias - 1990/1993
(Em Mil Pares)

REGIÕES	1990	1991	1992	1993
Norte	-	-	-	-
Nordeste	-	-	2.497	3.252
Sudeste	247.978	240.392	302.572	346.129
Sul	3.446	4.048	6.481	10.939
Centro-Oeste	-	-	324	468
Total	251.424	244.440	311.874	360.788

Fonte: Iemi.

Até o final do primeiro semestre de 1994 o panorama do segmento de malharias era semelhante àquele observado no ano anterior. O faturamento não apresentava grande crescimento, basicamente devido à expectativa dos agentes econômicos (consumidores, confecções, atacadistas) em relação à implantação de modificações na economia. As principais empresas, em razão da abertura econômica, mantinham seus programas de reestruturação e modernização, com vistas a ter maior competitividade, não havendo projetos de ampliação devido à existência, ainda, de capacidade ociosa (estimada em 30% ao final de junho de 1994) e aos altos juros dos financiamentos.

No segundo semestre, com a redução das taxas inflacionárias, o setor passou a registrar um crescimento considerável de vendas, que se refletiu em aumento de faturamento ao final do exercício. Segundo a Abravest, a produção total de artigos confeccionados de malha no Brasil foi da ordem de 1.867 milhdes de peças em 1993 e de cerca de 2.320 milhões em 1994, com crescimento de 24%.

A maior abertura da economia com a redução de alíquotas de importação e a defasagem cambial deixaram o segmento muito mais exposto à concorrência externa, tornando necessário que sejam intensificados os investimentos em modernização e reestruturação produtiva. A persistência de níveis baixos de inflação muito provavelmente dará certeza aos empresários de que a estabilização é consistente, havendo clima para a realização de investimentos em ampliação de capacidade.

Em conclusão, pode-se dizer que o Brasil reúne todas as condições de ter uma indústria de malharias forte e competitiva internacionalmente, dado que possui um parque industrial com equipamentos adequados, mão-de-obra abundante e relativamente qualificada para atuar no setor e disponibilidade de matérias-primas (fibras de algodão, sintéticas e artificiais), além de dominar a tecnologia de produção.

O BNDES vem apoiando a modernização do segmento de malharias, tendo contratado entre 1992 e 1994 operações de financiamento a projetos de oito empresas de destaque (Hering, Marisol, Sulfabril, Peitenati, Iracema, Heringer, Douat e Manz), os quais demandaram recursos da ordem de US\$ 22 milhdes. Além disso, muitas empresas do segmento recorrem à FINAME para o financiamento à aquisição de equipamentos nacionais.

O BNDES deverá continuar colaborando com o incremento da competitividade do setor, que tem de se adaptar às novas condições da economia (abertura comercial e defasagem cambial) mediante o prosseguimento e a intensificação dos programas de reestruturação administrativa e produtiva que vem empreendendo nos últimos anos, sendo importante que o apoio possa ser dirigido

também às confecções de pequeno e médio portes, ainda grandes demandantes de mão-de-obra.

Com a TJLP espera-se aumento da demanda de recursos do BNDES pelo segmento de malharias. Esta procura deve ser dirigida numa primeira etapa aos programas de Qualidade e Produtividade, Conservação do Meio Ambiente e Modernização. Mantido o crescimento da demanda observado a partir do segundo semestre de 1994, haverá necessidade de apoio a projetos de implantação e expansão da capacidade de produção.